#5 DIFERENCIAL

Novembro 2017

#5

EDITORIAL

Na primeira edição do corrente ano lectivo, marcado pelo arranque do projecto «Engenheiras por um dia» – que visa atrair mais mulheres para a engenharia -, damos destaque à figura feminina.
Pretendemos apresentar uma visão ampla do papel da mulher aos olhos da sociedade e da forma como o mesmo ainda está inevitavelmente associado a situações discriminatórias. Contudo, não nos revemos numa posição de vitimização ou fragilização da mulher, nem tão-pouco em double standards que ignoram a «discriminação positiva». Neste sentido, procuramos fazer uma análise profunda das problemáticas apresentadas e respectivas causas – sem assunções imediatas de «machismo» nem intolerância à discussão.
Escolher devidamente lutas é o que distingue um bom movimento de um movimento com boas intenções. Enquanto a definição de feminismo e feminista não for unânime, o Diferencial prima simplesmente por defender que a igualdade de direitos e oportunidades deve ser independente de género, e que todas as situações que violem esta igualdade merecem a nossa atenção e debate.
Embora seja consensual que os papéis de género são ainda uma realidade em todo o mundo, a extensão cultural dos mesmos poderá ser ainda fruto de surpresa: nesta edição, abordamos a realidade de Hollywood – teoricamente na vanguarda do progressismo –, onde actrizes são comumente vítimas de assédio sexual, e o Curdistão Sírio, onde as mulheres são guerreiras de relevo.
Numa nota pessoal, e porque falar em feminismo me obriga a repensar a minha própria condição, quero eternizar uma das pessoas que mais contribuiu para o amadurecimento da mulher e, antes, pessoa, que sou hoje: obrigada avô, até sempre.

_Inês Mataloto

FICHA TÉCNICA

DIREÇÃO_
Afonso Anjos, Francisco Moreira de Azevedo e Inês Mataloto.

REDAÇÃO_
Afonso Anjos, Ana Glória Cruz, Ana Lúcia Tiago, Ana Sofia Carmo, Beatriz Coelho, Bernardo Leite, Francisco Moreira de Azevedo, Inês Mataloto, Joana Brito, Miguel Martinho, Miguel Ferreira.

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS_
Inês Terrucha.

REVISÃO_
Ana Glória Cruz,Ana Lúcia Tiago, Ana Sofia Carmo, Beatriz Coelho, Inês Mataloto, Madalena Theriaga e Miguel Martinho.

GRAFISMO E EDIÇÃO GRÁFICA_
Afonso Anjos e Madalena Antunes.

IMAGEM DA CAPA
Afonso Raposo e Joana Brito.

GESTÃO DE PLATAFORMAS ONLINE_
Francisco Moreira de Azevedo.

APOIOS
Santander UNIVERSIDADES

* - O Jornal Diferencial é escrito ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, mas, conforme a escolha de cada redator, os artigos que não seguirem essa regra serão assinalados com um asterisco no subtítulo.

diferencial.tecnico.pt

OS OUTROS

Tu sabes que não és este jornal porque não te dói se rasgares uma das suas folhas. Sabes também que este jornal não é como tu porque se chamares por ele, ele não responde. Por outro lado, quando falas para a senhora do quiosque, ela reage: entrega-te o jornal que pediste, recebe o dinheiro e dá-te o troco. Da mesma maneira, no táxi, a condutora ouve para que destino queres ir e leva-te lá. Há, nestas entidades com quem interages, qualquer coisa de semelhante a ti. Elas percebem o que tu dizes da mesma maneira que tu percebes o que elas dizem. Estas entidades são os outros. *

Os outros são todos diferentes. Existindo de formas infinitamente diversas, são uma massa heterogénea de vontades e gostos que amplificam a tua existência enquanto ser humano. Consequentemente, a relação com os outros nem sempre é pacífica; nem sempre falas em tom amistoso com os outros; nem sempre tens paciência para os outros. De igual modo, os outros também não são sempre bons para ti: podem ser violentos, vingativos, interesseiros, palermas, etc. Perante estas situações, e porque as más experiências são sempre mais marcantes que as boas, fazes algo sem o qual a vida seria impossível: induzes.

Uma indução é um tipo de raciocínio lógico em que, a partir de um conjunto finito de casos, se induz uma regra geral. Embora muito útil para identificar quais são os alimentos que nos provocam gases ou para aprender que não é possível respirar debaixo de água, este tipo de raciocínio é tipicamente falacioso quando aplicado aos outros. Mesmo assim, as induções falaciosas são usadas todos os dias e há até algumas que já se tornaram clássicas. Por exemplo: toda a gente já ouviu dizer que os gordos são bem-dispostos, que os rapazes com mãos pequenas têm um pénis pequeno ou que as mulheres muito bonitas são burras. Existem ainda outras induções cuja origem se perdeu no tempo e que ganharam contornos políticos como aquela segundo a qual as mulheres são inferiores aos homens ou que os povos do sul da Europa são calaceiros. Contudo, independentemente da intensidade e do número de vítimas, todas estas crenças de algibeira representam várias faces do mesmo problema: a utilização falaciosa da indução.

Mas nem tudo está perdido porque contra as injustiças indutivas mais graves são erigidos movimentos de denúncia e de contestação.

O tipo de linguagem usado por estes movimentos justiceiros é de natureza dicotómica: é uma linguagem de barricada.

Especificamente: monta-se um campo de batalha argumentativo onde se defendem as vítimas e denuncia-se um inimigo, um bode expiatório, fazendo uso, para o identificar, de indução falaciosa. Este tipo de discurso, embora muito eficaz para mobilizar as hostes, não maximiza os efeitos a que se propõe.

Se os outros são como tu, então tu és "o outro" dos outros. E assim como tu cometes erros de raciocínio, também os outros os cometem. É por isso que toda a gente já foi vítima de julgamentos precoces e, embora as suas razões e consequências sejam diversas, o sentimento resultante de náusea é o mesmo. Por isso, o discurso mais eficaz para eliminar a indução falaciosa e os disparates a que ela dá origem não é aquele que estabelece um cenário de "nós contra eles". O discurso mais eficaz é aquele que junta todos os seres humanos na luta contra os mais arraigados erros e limitações da sua natureza: é um discurso que una e que não separe; é um discurso que ajude a garantir que os erros do passado não se repetem.

E não é preciso perder tempo a discutir como é que se vai implementar este projecto porque o plano de acção já existe: está escrito desde 1948, é o documento que foi traduzido para o maior número de línguas e encontrando-se disponível na internet --- chama-se Declaração Universal dos Direitos Humanos.

*Este autor não escreve ao abrigo do novo acordo ortográfico

ROJAVA – A TERRA ONDE O SOL SE PÕE E A UTOPIA NASCE

Entre o rio Tigres e o Eufrates abre-se um território reivindicado há séculos por um povo – os Curdos. Abrangendo partes que correspondem, nos dias de hoje, ao Sudeste da Turquia, ao Noroeste do Irão, ao Nor-nordeste do Iraque e, finalmente, ao Norte da Síria, o território curdo é hoje um foco de tensão numa zona que é, por si só, uma fonte de conflitos e guerras de interesse geopolítico, a nível mundial - o Médio Oriente. E é, precisamente, no Norte da Síria que surge um dos projetos políticos e civilizacionais mais interessantes das últimas décadas – Rojava ("Oeste" na língua curda). Aqui, jovens Muçulmanos convivem, diariamente, na mesma sala de aula com jovens Cristãos, as mulheres carregam armas para defender a autonomia de Rojava e a democracia é praticada por todos, diariamente, nos bairros e municípios da Região.

por Afonso Anjos

Obliterados nas negociações do Acordo de Sykes-Picot de 1916 que dividiu o Médio Oriente em esferas de influência entre a França e o Reino Unido, **os curdos representam um povo de 30 milhões de pessoas** sem fronteiras reconhecidas internacionalmente - o que faz deste o maior povo apátrida do mundo! Desde então, os curdos têm estado envolvidos em disputas e conflitos militares com os países desta região com vista à sua emancipação e autodeterminação.

Na Turquia, onde representam um quinto da população - 17.5 milhões - o conflito entre o PKK, Partido dos Trabalhadores do Curdistão - considerada uma organização terrorista pela OTAN, EUA e UE, mas não pelas Nações Unidas – de Abdullah Ocalan, e o Estado Turco, já vitimou mais de **40 000 pessoas**, sobretudo curdos, desde que se iniciou em 1984. **No Norte do Iraque**, Saddam Hussein não deu descanso aos mais de 8 milhões de curdos que aí viviam - em 1980, **50 000 curdos** foram assassinados pelo Governo Iraquiano e, em 1988, um massacre com armas químicas despertou a consciência internacional e levou à criação, pelos EUA, de uma zona de proteção do Norte Iraquiano, à qual esta região deve hoje a sua autonomia em relação ao governo de Bagdade.

Mapa do Médio Oriente onde se representa o território reivindicado pelo povo Curdo. (fonte: PUKmedia.com)

Em 2012, na sequência do aumento da força militar do autoproclamado Estado Islâmico (EI) no Sul da Síria, o presidente Sírio Bashar al – Assad foi obrigado a deslocar as tropas do Norte para o Sul. Este movimento permitiu que a região de Rojava passasse a ser controlada pelas milícias armadas curdas filiadas ao PYD – Partido Unido Democrata. Intimamente ligado ao PKK da Turquia, o PYD optou por seguir as diretivas de Abdullah Ocalan que indicavam como prioridade a implementação duma Confederação Democrática que privilegiasse **a defesa do ambiente, a liberdade religiosa, política e cultural e abolisse as hierarquias de género, etnia e religião**.

A braços, a Norte, com as ofensivas dos Turcos - que veem nos esforços de autonomia de Rojava uma fagulha para as aspirações dos curdos da Turquia - e a Sul com um Estado Islâmico que vê, de ano para ano, reforçado o seu poderio militar, a proteção das fronteiras de Rojava é, pois, uma preocupação diária e condição fundamental para a continuação da revolução. Não é, portanto, de surpreender a existência de milícias armadas como o YPG ou o YPJ. Mas é, no entanto, surpreendente que uma destas milícias, a segunda, **seja inteiramente constituída por mulheres e vedada a homens**. Na verdade, este princípio de paridade homem/mulher verifica-se em toda a estrutura hierárquica de Rojava - **para cada cargo de poder ocupado por um homem existe um cargo equivalente ocupado por uma mulher**. Para além disto, a polícia do PYD – Asayis – tem uma seção constituída por mulheres que se dedica, inteiramente, ao combate e à erradicação de casos de assédio sexual e de violação.

Estas mulheres, que passam por um treino feminista intensivo de duas semanas e, ao fim das quais, já podem carregar armas, são os arautos da

Cantão de Kobani - Um grupo de guerreiras do YPJ confraterniza num momento de pausa.

filosofia de Abdullah Ocalan.

Mas quem é Abdullah Ocalan?

Abdullah Ocalan, ou Apo ('tio' para o povo curdo) fundador e líder oficioso do PKK foi, desde 1978, data da fundação do partido, até 1999, ano em que foi capturado no Quénia pela polícia Turca, **o maior inimigo do governo Turco.** Isolado, desde 2000, na ilha-prisão de Imrali (onde foi o único prisioneiro da ilha até 2009), a Apo, foi-lhe dado, enquanto na prisão, o acesso a livros. Entre os muitos livros que lhe chegaram, entre eles contavam-se os do pensador anarquista norte-americano **Murray Bookchin**. Bookchin, que era até aquele momento, um escritor quase esquecido e celebrado apenas por uma vintena de intelectuais norte-americanos foi o preconizador de uma escola de pensamento que cunhou de Ecologia Social – nela, Bookchin afirmava que **todos os problemas ambientais do planeta se deviam às assimetrias sociais existentes, como racismo, sexismo e desigualdade**. Rejeitando o liberalismo económico e afastando-se do marxismo, Bookchin acreditava também que todo o estado era inevitavelmente corrupto e antiético pelo que a única alternativa era praticar uma democracia direta inspirada no modelo helénico.

O impacto das ideias de Bookchin em Ocalan foi tão grande que, em 2005, este decide lançar um manifesto para que todos os seguidores do PKK parassem de atacar os governos e, por outro lado, criassem assembleias municipais e outros órgãos de consulta democrática. A ideia era, prescindindo da reivindicação à independência, **criar uma democracia sem um estado, mas autossustentável que fosse capaz de se proteger dos ataques dos governos**. Assim, pretendia que as assembleias espalhadas pelo território curdo constituíssem a democracia confederada de todos os curdos. Na base ideológica desta confederação, estariam a defesa do ambiente, a liberdade religiosa, política e cultural e a autodefesa.

Rojava - virtudes e contradições

Com uma dimensão aproximadamente equivalente a 3x o território do Algarve, e uma população de cerca de 3.6 milhões de curdos, Rojava é, com efeito, volvidos 5 anos, "uma utopia no quintal do EI" [1]. Poucos quilómetros a Sul, nos territórios ocupados pelo EI, as raparigas são torturadas, violadas e impedidas de ir à escola. Já em Rojava, na Mesopotamian Social Sciences Academy, ensina-se a importância do feminismo a rapazes e a raparigas. Na verdade, para muitos dos jovens que lá estudam, com poucas condições e em grande número, o espírito é de abnegação e dedicação: **"Para nós, estudar é a mesma coisa que segurar numa arma e lutar"**.

Com efeito, a natureza inédita da aplicação de um projeto civilizacional desta envergadura vai, infelizmente, trazendo ao de cima as contrariedades que seriam de esperar de um projeto tão disruptivo. A Human Rights Watch e a Amnistia Internacional apontaram, em 2014, para a existência de **detenções sumárias de não-simpatizantes da revolução e para a presença de combatentes com menos de 16 anos entre as fileiras do YPG e do YPJ**. Embora, os órgãos governativos de Rojava se tenham mostrado sensíveis a alterar esta situação, o caso de jovens guerreiros nestes exércitos continua a verificar-se com alguma recorrência.

A conquista de Raqqa, capital do EI, e o armamento dos Estados Unidos são realidades que vêm trazer aos combatentes de Rojava uma renovada esperança na sua luta e ambições. No entanto, a oposição de aço feita pelo governo Turco constitui também um forte abalo nas suas infraestruturas e capacidade militar - a pretexto de um ataque ao EI, mais de 300 bombardeamentos foram feitos pelos turcos no Norte da Síria e do Iraque, enquanto no EI foram feito apenas 3. Não é fácil, portanto, prever o futuro de Rojava. O jogo de interesses entre EUA, Rússia e Turquia pode jogar a favor das aspirações de Rojava, ou nem por isso. O que é certo é que, **enquanto nenhuma das duas superpotências se opuser, perentoriamente, à posição do governo Turco** em relação aos curdos, as perspetivas dos curdos do Norte da Síria são incertas e muito frágeis.

[1] https://www.nytimes.com/2015/11/29/magazine/a-dream-of-utopia-in-hell.html

CASO WEINSTEIN E O ASSÉDIO SEXUAL NA INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA – UMA CONSEQUÊNCIA NATURAL DO INDIVIDUALISMO

Alegações substanciais de conduta sexual imprópria por parte de Harvey Weinstein foram reportadas no dia 5 de outubro de 2017. Escassos dias depois, mais de seis dezenas de atrizes relataram situações de assédio sexual conduzidas pelo produtor.

por Inês Mataloto e Joana Brito

Todas as testemunhas apresentaram uma justificação para a sua própria inércia desde o contacto com Weinstein até hoje. Parece fácil julgá-las, mas uma análise cuidada das motivações subjacentes ao silêncio abre portas à compreensão do panorama de intimação sexual no contexto do mundo da fama, o qual está longe de se resumir a parcos casos isolados.

Partindo do relato de Lupita Nyong'o, uma das mulheres que partilhou a sua história, datando dos seus dias como estudante na Escola de Arte Dramática de Yale, com Harvey Weinstein, analisem-se as dinâmicas que se criam num meio **onde o sexo é aceite, mais ou menos explicitamente, como moeda de troca**.

O enredo contado por Nyong'o atinge o clímax quando o produtor lhe propõe, a meio de um jantar num hotel combinado com um pretexto profissional, terminar a refeição no seu quarto privado. Perante a recusa da atriz, Weinstein mostra-se prepotente: «Harvey disse-me para não ser ingénua e que se eu queria ser atriz, então tinha de estar disposta a fazer aquele tipo de coisas. Ele acrescentou que tinha namorado a Atriz Famosa X e Y e para eu notar onde isso as tinha feito chegar.»

O estabelecimento dum certo nível de intimidade é parte do trabalho na indústria de entretenimento, nomeadamente a cinematográfica, o que pode contribuir para que o limite entre a cortesia profissional e a proposta indecente se torne pouco nítido. A quebra do tabu que envolve o sexo, através da realização de cenas íntimas, pode implicar a sua banalização.

«Harvey disse-me para não ser ingénua e que se eu queria ser atriz, então tinha de estar disposta a fazer aquele tipo de coisas.»

Esta situação é levada ao extremo quando aqueles no poder se sentem no direito de o exigir, e aquelas (ou aqueles) como Nyong'o, na base da hierarquia, sentem que recusá-lo pode moldar, de alguma forma, o seu futuro na indústria.

Na cerimónia dos Óscares de 2013, Seth MacFarlane introduz a revelação de Melhor Atriz Secundária com «Parabéns senhoras, já não têm de fingir estar atraídas pelo Weinstein.». A frase traduz a hipocrisia de um sistema onde é implicitamente aceite por todos que o sexo pode ser usado para singrar profissionalmente.

«A quebra do tabu que envolve o sexo pode implicar a sua banalização [levando a que] aqueles no poder se sentem no direito de o exigir, e aquelas na base da hierarquia, sentem que recusá-lo pode moldar o seu futuro na indústria.»

Contudo, a verosimilhança da afirmação indica que MacFarlane não pretendeu simplesmente dotar o discurso de humor. O sarcasmo empregue apresenta-se como um estímulo subtil à denúncia que, ainda que não assumida objetivamente, lhe é intrínseca. Surge a esperança de que, dizendo a verdade a brincar, as atrizes sintam que já podem (e devem) denunciar o produtor.

O Óscar confere à atriz vencedora uma subida direta na escala do sucesso. Maior reconhecimento representa mais estatuto, num meio onde o valor do nome é quase tudo. Como pode uma atriz arriscar manchá-lo admitindo publicamente um momento de fraqueza?

O receio de comprometer os objetivos e interesses individuais está no cerne do silêncio das vítimas, as quais agem segundo um viés egocêntrico que é transversal a todos os degraus da escada do triunfo em Hollywood: **as que pisam os primeiros degraus sentem que a denúncia as fará ficar pelo caminho e que só as vozes de cima se poderão fazer ouvir; as que atingem o topo sentem que têm demasiado a perder, pelo que a responsabilidade deverá ser daquelas cujas quedas serão pequenas**. Várias gerações de atrizes adotam, portanto, uma atitude individualista na fuga ao único papel de Hollywood que ninguém quer ter, dificultando o combate a este tipo particular de injustiça social.

A relevância da voz delatora é inegável. Prova disto é o facto de a campanha #MeToo, lançada nas redes socais pela atriz Alyssa Milano na sequência da polémica causada pelas notícias dos assédios levados a cabo pelo produtor norte-americano, ter tido uma adesão massiva, enquanto uma campanha com o mesmo nome e objetivo, criada pela jornalista Tarana Burke, há 10 anos atrás, passou despercebida. Por outro lado, a campanha recebeu algumas críticas uma vez que a narração do abuso via hashtag representa quase uma teatralização do trauma sofrido, ao mesmo tempo que foca exclusivamente nas vítimas a responsabilidade de denunciar.

Não obstante a importância da voz delatora no alcance e repercussão - seja ela individual ou global - de uma denúncia, o foco no denunciante não só arrasta o problema da designação do mártir como deixa a raiz do problema incólume. A dissecação e mutilação das relações de poder estabelecidas no mundo da fama é tão mais difícil quanto mais ténue for a distinção entre a arte e o artista – subtileza esta que é exaltada pelo culto constante e globalizado da figura do artista.

«A dissecação e mutilação das relações de poder estabelecidas no mundo da fama é tão mais difícil quanto mais ténue for a distinção entre a arte e o artista»

Um exemplo recente é o da revista francesa Les Inrockuptibles, que colocou na capa, por ocasião do anúncio do seu novo disco a solo, **Bertrand Cantat, músico que violentou mortalmente a namorada em 2003**. Depois da polémica gerada nas redes sociais, na qual intervieram diferentes figuras políticas francesas, entre as quais Marlène Schiappa, secretária de Estado para a Igualdade entre Homens e Mulheres, a revista defendeu-se, alegando que «O jornalismo não é uma postura moral que consista em aprovações ou reprovações. O percurso de Bertrand Cantat tem feito parte da Les Inrockuptibles desde os anos 80. Era impossível ignorá-lo.».

«O receio de comprometer os objetivos e interesses individuais está no cerne do silêncio das vítimas, as quais agem segundo um viés egocêntrico que é transversal a todos os degraus da escada do triunfo em Hollywood»

A independência moral e, em particular, a propaganda de figuras cuja integridade de caráter é condenável, transporta inevitavelmente a conotação de que qualquer comportamento é minorante face à arte construída pelo artista em causa. Esta conformidade, ainda que passiva ou inconsciente, abre uma vereda à tirania e dificulta a tarefa de fazer frente a grandes tubarões, como o produtor Weinstein.

Resuma-se a sequência de eventos: ninguém delata. No entanto, os rumores correm de forma quase descarada. A conceção do sexo como bilhete de entrada instaura-se e os contornos da ética esbatem-se cada vez mais no interior do microssistema que é o mundo de Hollywood. Perpetua-se o medo das repercussões da denúncia por várias gerações de atrizes até que o silêncio é, enfim, quebrado de forma impetuosa, mas com um atraso de anos. **A mesma imprensa que, durante anos, disseminou e potenciou a influência externa de todos os que robustecem o despotismo do artista, inflama, desta vez funcionando como o clique que arruína o seu poderio**. E, de súbito, toda a gente tem um ponto a acrescentar ao conto. Tem de ser esta a forma como o sistema funciona?

ENGENHEIRO DA GOOGLE DESPEDIDO

No mês de julho deste ano, James Damore, engenheiro da Google, redigiu um manifesto com um objetivo claro: reverter a influência negativa que a noção moral de diversidade exerce atualmente na empresa. O manifesto de dez páginas, cujo título é Google's Ideological Echo Chamber, aborda a forma como a pressão imposta pela procura global por diversidade forçou a Google a fazer exatamente o oposto do ético: discriminação em busca da igualdade. Mas o que diz, efetivamente, o manifesto de James Damore?

por Afonso Anjos e Ana Sofia Carmo

Em relação às alegações de discriminação, Damore refere as práticas de contratação por parte da empresa que tendem a beneficiar candidatos cuja entrada na empresa contribua para a diversidade e a existência de programas, orientações e formações exclusivos a uma certa raça ou género. Para além disso, o engenheiro critica a procura que é, no seu ponto de vista, irracional, de diversidade de género nas áreas da Tecnologia, nomeadamente engenharia de software, uma vez que a prevalência do sexo masculino nestas áreas é, em parte, explicada pelas diferenças entre géneros. São enumeradas características psicológicas que Damore considera relevantes para o desempenho em cargos de tecnologia, nomeadamente a prevalência de empatia e amabilidade nas mulheres vs. a valorização da sistematização e assertividade, alegadamente mais presente nos homens, e ainda a maior tolerância ao stress por parte do sexo masculino.

Ciente de que o seu ponto de vista era disruptivo e, para a maioria das pessoas, retrógrado, Damore empenhou-se em justificar as suas opiniões com artigos e textos científicos. Para fundamentar uma das suas opiniões, porventura uma das mais polémicas, **Damore argumenta que existem diferenças biológicas claras entre homens e mulheres e que estas têm sido, tendencialmente, obliteradas pela filosofia dominante do "politicamente correto"**. Para sustentar esta opinião, o engenheiro despedido recorre a dois artigos: um científico, Gender Differences in Personality and Interests: When, Where, and Why?[1], sobre as diferenças biológicas, e um manifesto duma associação de académicos norte-americana, a Heterodox Academy [2], para falar do "politicamente correto". Mas a este segundo ponto já lá iremos.

Segundo o artigo científico citado por Damore, existem duas teorias capazes de explicar a origem das diferenças entre homens e mulheres: **a biológica e a sociocultural**. A primeira afirma que a maior parte das diferenças que existem foram impulsionadas por fatores biológicos, como por exemplo, os homens mais bem-sucedidos e com um status social mais elevado terem sido capazes de atrair mais parceiras, da mesma forma que as mulheres que demonstraram uma maior sensibilidade e tendência para cuidar da família e do lar se tornaram mais atrativas para os seus parceiros. Isto terá dado origem a um processo de seleção biológica que fomentou, em parte, essas caraterísticas em cada sexo. A teoria sociocultural, que acaba por ser a mainstream, diz que é o meio em que o indivíduo cresce e os papéis sociais que são atribuídos a cada género que determinam essas diferenças. Damore, embora mencione a teoria sociocultural no seu manifesto faz, sobretudo, a apologia à teoria biológica[3].

Por isso, é sem surpresa que o vemos defender que a assunção das **diferenças entre géneros não deve ser vista como sexismo[4] e sim como uma simples aceitação de uma realidade imutável**. Para justificar este ponto, Damore recorre a um dado estatístico um tanto surpreendente: se as diferenças são determinadas pelo meio sociocultural, seria de prever que estas diferenças estivessem mais acentuadas nas sociedades menos igualitárias. No entanto, o que se verifica é o contrário. **É nas sociedades onde existe maior igualdade social entre géneros que estas diferenças têm maior impacto, maior relevo.**[5]

Embora este facto pareça favorecer em grande parte o argumento de Damore, de acordo com o artigo que o próprio cita, estas diferenças podem ser explicadas por um fenómeno assaz simples - quando um indivíduo se descreve está, geralmente, a fazê-lo por comparação com outros indivíduos.

Numa cultura tradicional, da qual a asiática é um bom exemplo, as mulheres e os homens, **por terem as suas relações sociais mais circunscritas ao próprio género**, quando questionados sobre os seus próprios traços, acabam por comparar-se com indivíduos do mesmo género, o que, naturalmente, **dilui a sua perceção das diferenças**.

Em contrapartida, nas culturas modernas como a europeia e a norte-americana, **homens e mulheres relacionam-se de igual maneira com indivíduos de ambos os géneros**. Por este motivo, ao se descreverem, fazem uma comparação com indivíduos de ambos os géneros, **o que aumenta a perceção das assimetrias de traços entre os mesmos**.

A referência de Damore ao echo chamber ideológico[6] (que pode ser visto como um espaço em que todas as pessoas partilham da mesma opinião, causando sempre a amplificação da mesma) remete para o facto de a **Google ter criado uma «monocultura politicamente correta que mantem a sua supremacia silenciando os dissidentes»**.

Para Damore, a filosofia do "politicamente correto" tem uma origem. A explicação dessa origem encontra-a no manifesto da Heterodox Academy (que já foi mencionado neste texto), uma agregação de académicos norte-americanos nas áreas das ciências sociais e do direito criada em 2015 para lutar contra a ortodoxia de esquerda que dizem vigorar nestas. Com efeito, esse manifesto mostra, de forma elegante e coerente, as vantagens de haver um pensamento heterodoxo na academia. O que está em causa é se, de facto, essa ortodoxia existe ou não. Não podemos afirmar perentoriamente, como faz a HA, que ela existe, mas também não podemos afirmar o contrário. No entanto, a verdade é que na Heterodox Academy, que faz questão de divulgar a distribuição ideológica dos seus membros, apenas 18.20% dos mesmos são de esquerda[7].

Em todo o caso, James Damore finaliza o seu manifesto de forma construtiva, com sugestões concretas que procuram combater esta intolerância e que dão prioridade à Google e não só às minorias, mas aos trabalhadores em geral. Destas sugestões, destaca-se **a necessidade de "desmoralização" da diversidade - deixar de olhar para a mesma como um conceito moral, mas sim prático - e supressão da empatia em ambientes de trabalho**, na medida em que, segundo Damore, estas características afetam a imparcialidade e capacidade de analisar os assuntos em termos de custos e benefícios. Esta solução permite, consequentemente, dar prioridade à procura por um ambiente «psicologicamente seguro», em vez da procura pela diversidade.

Após a circulação do manifesto na empresa e o despedimento do seu autor, Sundar Pichai, CEO da Google, partilhou uma nota[8] com os restantes funcionários da empresa, na qual esclarece que é esperado que «cada Googler faça o seu melhor de modo a criar um ambiente de trabalho livre de assédio, intimidação, preconceito e discriminação ilegal». Mas por que razão o manifesto de James Damore viola este princípio?

Por um lado, **ao sugerir a "desmoralização" da diversidade e racionalização das questões na empresa, Damore pede que se ignore, no âmbito do trabalho, a ética**. Sendo que vivemos em sociedade, a ética é um princípio fundamental: segundo o filósofo Immanuel Kant[9], "o instinto tem como principal objetivo a autopreservação" e, como tal, precisamos de fundamentos que visem o bem-estar daqueles que partilham o mesmo ambiente que nós.

Por outro lado, devemos destacar que muitos dos aspetos abordados por Damore são relevantes e dignos de serem discutidos, tais como a discriminação das maiorias e a falta de recetividade à discussão de temas sensíveis e ideias conservadoras, assunto que foi reconhecido pelo CEO na sua nota. Assim, o objetivo de Damore não era moralmente incorreto, no entanto, a forma como decidiu expor os seus argumentos mostrou-se ofensiva, não apenas para as suas colegas da Google, mas também para as mulheres em geral. A representação do sexo feminino como um ser social, amável, pouco autoritário e pouco resistente a situações de stress pode estar correta para algumas mulheres, até muitas, mas esse facto não valida a utilização deste estereótipo como caracterização da mulher em geral. Tal como defende Sundar Pichai, **não é correto que as mulheres se sintam pressionadas a defender o seu valor e posição no local de trabalho e a mostrar que a sua personalidade não corresponde às características enumeradas no manifesto**.

[1] Gender Differences in Personality and Interests: When, Where, and Why?, Lippa, Richard A.

[2] https://heterodoxacademy.org/problems/

[3] "I'm simply stating that the distribution of preferences and abilities of men and women differ in part due to biological causes and that these differences may explain why we don't see equal representation of women in tech and leadership"

[4] "We need to stop assuming that gender gaps imply sexism"

[5] "Why Can't a Man Be More Like a Woman? Sex Differences in Big Five Personality Traits Across 55 Cultures "; P. Schmitt, David; Realo, Anu; Voracek, Martin; Allik, Juri

[6] https://en.oxforddictionaries.com/definition/echo_chamber

[7]https://heterodoxacademy.org/2016/02/24/krugman-is-wrong-we-are-not-conservative/

[8] https://www.blog.google/topics/diversity/note-employees-ceo-sundar-pichai/

[9] https://bizfluent.com/about-6718517-importance-ethics-morals.html

SÃO OPINIÕES

Pediram-me para falar sobre sexismo, pelo que vale a pena começar por separá-lo nas suas duas vertentes logo à partida e analisar cada um dos casos. Ficamos então com o machismo e com o feminismo. A verdade é que não se consegue falar de um sem se mencionar o outro, o que os distingue de muitos outros -ismos polémicos como o racismo.*

por Inês Terrucha - estudante de MEFT e fundadora do grupo de estudantes LGBTQIA+ do IST

Se formos ver ao "dicionário" cada um dos conceitos, encontramos:

• Machismo: Actividade praticada pelos machos (homens ou miúdos - ou até senhoras que perderam o caminho, como eu própria muitas vezes, infelizmente) para obterem a atenção dos seus pares à custa de piadas. Exemplo: "Go make me a sandwich!", frase proferida por qualquer cromo da internet para a hipotética namorada que não tem e que provavelmente nunca vai ter.

• Feminismo: Sinónimo de bruxaria. Claramente apenas uma mulher histérica e malcuidada poderia ousar defender a igualdade de direitos entre os sexos. Exemplo: "Quero que o meu marido também tenha direito à licença de paternidade."

Vá, não posso ser má; há cultos de feministas que de facto se organizam, ao longo da história, para criar comunidades sem homens, concentrando todas as suas energias em odiá-los e desacreditando aquelas que pedem por igualdade de direitos e de oportunidades (apenas não conheço ninguém do primeiro grupo, mas há; tem de haver). Isto é como no futebol; toda a gente tem direito a escolher a sua equipa e a torcer por ela, mas sem fanatismos.

Falando de casos recentes, mais alguém viu o acórdão do juiz do Porto, assinado também por uma juíza, onde se lê que "O adultério da mulher é um gravíssimo atentado à honra e dignidade do homem. Sociedades existem em que a mulher adúltera é alvo de lapidação até à morte. (...) Na Bíblia, podemos ler que a mulher adúltera deve ser punida com a morte"? Coloquialmente, eu parafraseio: basicamente, uma senhora andava a dormir com um bacano que não era o marido. Moralmente condenável? Talvez. Não conheço a relação. Não me sinto com à vontade para julgar. Nestas coisas há sempre dois lados da história. Mas sim, ela foi má. Solução? O marido foi contactado pelo amante, tendo-se organizado os dois para lhe dar um enxerto de porrada. Moralmente condenável? Pelos vistos, não, apesar de a lei obrigar a condenar. Ela é que foi uma p*ta. Quando vi as primeiras partilhas no "facebocas", assumi que fosse fake. Mas não era. Isto do adultério é realmente muito engraçado. Especialmente porque toda a gente sabe que os homens não têm hipótese nenhuma. **O sexo masculino só se considera o sexo forte quando lhe convém. Quando não convém, só se ouve "A culpa não é minha, ela é que estava vestida provocadoramente!". Isto de resistirmos aos nossos instintos animais é mesmo complicado**. Estes casos que constituem os clickbaits do "facebocas", são clickbaits porque fogem à norma. Em países desenvolvidos como o nosso (sim, Portugal é um país maravilhoso para se viver, especialmente no que toca à igualdade social), estes casos são as excepções, e a opinião pública reage-lhes com a incredulidade e condenação moral devidas. Se estes casos de absoluta falta de sensibilidade por parte de dois juízes são excepções que toda a gente condena, porque é que estou aqui a tentar defender um feminismo no século XXI? Porque é que ainda há quem o ache necessário? Vamos então fazer uso do método científico - afinal estamos numa faculdade de engenheiros - para analisar o problema: será que as mulheres têm só a mania da perseguição? Bem, chamo a depor Sheryl Sandberg (número 2 do Facebook, ex-Mckinsey, ex-Goldman Sachs, ex-Google, portanto de confiança). No livro dela, "Lean in - women, work and the will to lead", ela faz uso de algumas experiências sociais interessantes, as quais vou passar a enunciar como provas de crime, informalmente resumidas por mim e sem juízos de valor, porque esses deixo a vocês:

• Numa universidade qualquer de psicologia ou outros estudos assim soft nos 'States' ou noutro país qualquer, distribuíram duas histórias de vida por grupos homogéneos de pessoas. A história de vida era a mesma. A diferença? Uma das biografias pertencia a um CEO com altos cargos e altas notas e alto sucesso, a outra a uma CEO. Reparem, os artigos distribuídos eram exactamente o mesmo, só mudava o pronome. No fim, pediu-se a opinião sobre o perfil dos dois CEO. Os miúdos a quem calhou o Sr. CEO descreveram-no como um homem cheio de sucesso. Os miúdos (e miúdas, mas em português o plural faz-se no masculino, não se esqueçam, não é por mal, não fui eu que inventei a gramática) a quem calhou a Sra.

CEO descreveram-na como fria, uma cabra que só teve sucesso porque isto e aquilo (inserir desculpas de quem não o tem);

• Num qualquer escritório de uma qualquer empresa, trocaram-se os endereços electrónicos de uma colaboradora com os de um colaborador com cargos idênticos na hierarquia profissional durante uma semana. No fim dessa semana recolheram-se os "depoimentos" de ambos os colaboradores. O Sr. Colaborador teve a sua pior semana de sempre, não houve uma decisão sua que não fosse criticada e sobre a qual não tivesse de se justificar durante essa semana. A Sra. Colaboradora teve uma semana fácil, smooth como nunca, ninguém a questionou;

• Um homem trans fala sobre a sua experiência enquanto mulher e enquanto homem no corporate world, admitindo sentir-se muito mais integrado e aliviado, na medida de já não sentir que se tem de provar constantemente para ser validado;

• Eu própria sinto uma enorme vantagem em não ter o aspecto feminino típico, tal como a própria Sheryl sentia que beneficiava em apanhar o cabelo e vestir fatos mais masculinos.

Como vêem, o feminismo actual não é um ataque aos homens deste mundo. Há homens que são lixo, como também há mulheres e não-binários que o são. **Os homens já não são machistas que distribuem palmadas pelos rabos das secretárias. O machismo actual está, infelizmente, enraizado na nossa sociedade. O feminismo actual, para mim, consiste na sua essência em manter-se o assunto na mesa e em discutirem-se as coisas, quebrando os tabus**. Um destes tabus é considerar normal a existência de diferenças salariais entre homens e mulheres, para os mesmos cargos, nas mesmas empresas, por esse mundo fora nos tempos que correm.

Vamos então fazer uso do método socrático: Quantas vezes já te perguntaste se vais conseguir conjugar uma carreira de sucesso com gravidezes, filhos e vida pessoal? Quem é que lá em casa trata de tudo, leia-se, passar a roupa, lavar o chão, cozinhar, cumprir horários, saber dos pares das tuas meias, decidir se podes ir sair ou não, a mamã ou o papá? Quem é que já viu a mamã tratar até dos papás do papá, sem que este tenha de mexer uma palha? Quantas vezes a Maria teve a melhor nota da turma "só porque estudou bué", mas o João teve os melhores resultados "porque é um génio"? Quem é que nunca chamou porca à Isabel por safar os gajos todos de um grupo de amigos, mas quando o António consegue conquistar todas na turminha é um engatatão? Meninas, já tiveram receio de pôr a vossa foto no CV e serem interpretadas como só mais uma cara bonita? Rapazes? Basta frequentar dois ou três eventos de networking para perceber que os rapazes são educados a interromper para conquistar, e que as meninas devem saber ouvir e esperar a sua vez. A minha opinião? Enquanto as quotas parlamentares forem 1/3 e apenas esta fracção for preenchida por mulheres, essas quotas devem existir. Não me venham dizer que não é bem assim, que estamos a forçar a contratação de pessoas menos capazes só por serem mulheres. O input e a visão que uma mulher traz para um problema é diferente da de um homem. Eu sou uma pessoa racional que acredita que pontos de vista diferentes trazem discussão e que esta leva a melhores soluções. Vamos só não ficar ofendidas com "pedidos de sanduíches", nem ter medo de mulheres que se dizem feministas. **Todos devíamos ser feministas. Porque todos devíamos ser apologistas do debate racional e da igualdade de direitos de todos os seres humanos!** Não vale a pena andarmos com a mania da perseguição e justificar que quando um gajo está cheio de nos ouvir é porque ele é machista - nós podemos estar realmente a ser chatas. Não vale a pena termos medo de nos expor com receio de sermos realmente espezinhadas, como também não se deve descartar o assunto, como se as respostas a estas perguntas fossem simples. Não deve haver generalizações para nenhum dos lados, mas deve haver discussão enquanto for necessário discutir. E por falar em deixar sempre a porta aberta para o debate, abracem a iniciativa do grupo arco-íris que tanto anda a dar que falar. Não deixem as vossas opiniões vazias e ocas como comentários de Facebook. Façam perguntas. Discutam. Podem não chegar a nenhuma conclusão diferente, mas até pode ser que cheguem. Fiquem do lado certo da história. Procurem informação. Se calhar ainda tudo vale a pena, se calhar ainda não vivemos no mundo ideal.

Últimas considerações: se a tua luta não é pela igualdade das mulheres, nem é pelos direitos dos paneleiros e das fufas, faz um favor a ti próprio e em vez de exigires que lutem por ti as tuas lutas, levanta-te e luta tu. Não há nada mais desprezável do que a atitude de um indivíduo que, recusando-se a construir o seu abrigo ou a entrar por uma porta aberta, fica à chuva a lamentar-se e a queixar-se, exigindo uma casa construída para si.

*Este autor não escreve ao abrigo do novo acordo ortográfico

MARIA DE LOURDES PINTASSILGO

Numa época em que o papel das mulheres na ciência e na política era ainda algo discriminado e inferiorizado por grande parte da sociedade, Maria de Lourdes Pintassilgo, formada em Engenharia Químico-Industrial pelo Instituto Superior Técnico, conseguiria o que mais nenhuma mulher até hoje conseguiu: tornar-se Primeira-Ministra de Portugal.

por Bernardo Leite

INSTITUIÇÃO DO PRÉMIO

No passado ano 2016, o Instituto Superior Técnico instituiu o Prémio Maria de Lourdes Pintassilgo, com o objetivo de promover e difundir o seu exemplo enquanto ex-aluna desta instituição (alumna), Engenheira, e personalidade com elevado grau de relevância a nível nacional devido, em grande parte, à sua carreira política e preocupações sociais.

Desta forma, o Técnico compromete-se em premiar, anualmente, duas mulheres de gerações diferentes, cujo trabalho reflita a essência, empenho e a inovação da mesma pessoa que deu o nome ao galardão. Segundo o Artigo 1º do Regulamento do Prémio Maria de Lourdes Pintassilgo, as duas premiadas deverão ser:

i. uma antiga aluna que tenha completado o seu ciclo de estudos no IST há mais de 15 anos, contabilizados no dia 31 de dezembro do ano anterior à entrega do prémio, e que se tenha destacado pelas suas contribuições profissionais e/ou sociais;

ii. uma recém-graduada do IST, com menos de 27 anos no dia 31 de dezembro do ano anterior à entrega do prémio, e que se tenha destacado pela qualidade científica da dissertação de Mestrado e pelo percurso académico no IST.

O Artigo 2º (Valor do Prémio) do mesmo Regulamento declara que deverá ser atribuído à vencedora recém-graduada, referida acima no ponto ii., um prémio monetário único e no montante de 5000€. As vencedoras da primeira edição, cuja cerimónia de atribuição dos prémios se realizou no passado dia 9 de fevereiro, foram as ex-alunas (alumnae): Maria da Graça Carvalho, membro da Unidade de Aconselhamento Científico da Comissão Europeia e Inês Godet, atualmente aluna de Doutoramento na Johns Hopkins University.

FORMAÇÃO E INÍCIO DE CARREIRA

Maria de Lourdes Pintassilgo terminou, em 1947, o ensino secundário, tendo sido considerada a melhor aluna do liceu. Excelência que se traduziu no facto de ter ganho, por dois anos consecutivos, o Prémio Nacional. Em 1953, com 23 anos, licenciou-se em Engenharia Químico-Industrial pelo Instituto Superior Técnico, numa época em que eram poucas as mulheres que frequentavam cursos na área da engenharia. Com esta escolha de formação universitária, Lourdes Pintassilgo pretendeu mostrar que as mulheres também eram capazes de enveredar por ramos que habitualmente são associados apenas ao universo masculino.

Em setembro de 1953, tornou-se investigadora na Junta de Energia Nuclear. Era o início da sua carreira profissional. Pouco tempo depois, em julho de 1954, foi nomeada chefe de serviço no Departamento de Investigação e Desenvolvimento da Companhia União Fabril. Era a primeira vez que uma mulher entrava nos quadros técnicos superiores. A partir desse ano começou a trabalhar nas fábricas do Barreiro e nos Centros de Investigação de Sacavém e Lisboa. Desde esses tempos e até ao ano de 1960, Maria de Lourdes Pintassilgo assumiu diversos projetos, como por exemplo, a edição da revista *Indústria*.

DO ESTADO NOVO AO PÓS 25 DE ABRIL COM PASSAGEM PELA ONU

A entrada na política deu-se por volta de 1969 quando, depois de ter recusado o convite do então Presidente do Conselho, Marcelo Caetano, para integrar a lista de deputados à Assembleia Nacional, aceitou ser designada procuradora à Câmara Corporativa, um dos pilares institucionais do Estado Novo. Desempenhou esta função até abril de 1974. Contudo, as suas ligações ao Estado Novo não ficaram por aí, já que entre 1970 e 1973, trabalhou como consultora junto do Secretário de Estado do Trabalho e Previdência. Presidiu ainda ao Grupo de Trabalho para a Participação da Mulher na Vida Económica e Social, cargo que lhe garantiu um lugar na Delegação Portuguesa à Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), tendo realizado aí cinco intervenções, abrindo desta forma as portas à política internacional.

A Revolução dos Cravos, a 25 de abril de 1974, marcou o fim do regime. Num tempo de transição para a democracia, em que a confusão e a instabilidade político-social reinavam, Maria de Lourdes Pintassilgo foi nomeada secretária de Estado da Segurança Social no I Governo Provisório. Porém, não levou muito tempo até ter sido promovida a ministra dos Assuntos Sociais, cargo que desempenhou no II e III Governos Provisórios.

V GOVERNO CONSTITUCIONAL

1 de agosto de 1979, uma data que ficará marcada na história do país como a primeira vez em que uma mulher tomou posse como Primeira-Ministra de Portugal.

O V Governo Constitucional foi de iniciativa presidencial, ou seja, nomeado pelo então Presidente da República Ramalho Eanes, com o objetivo de governar o país até às eleições seguintes, marcadas para o dia 2 de novembro desse ano. Era um governo de gestão. Por essa razão, este executivo apenas durou cinco meses acabando por cumprir a missão para a qual tinha sido indigitado.

Todavia, o facto de ter os dias contados, não impossibilitou Maria de Lourdes Pintassilgo de tomar decisões ousadas para a época e reformar certos setores do Estado. Aliás, foi no plano social que a então Primeira-Ministra de Portugal implementou diversas medidas. Desde o aumento do salário mínimo, do subsídio de desemprego e das pensões de velhice e invalidez, até à aprovação de um esquema mínimo universal de proteção social, a aprovação do Código de Processo do Trabalho e, por fim, a promoção da igualdade entre homens e mulheres no trabalho e emprego.

Neste último campo, também ela sofreu uma grande discriminação na época. Apesar de toda a sua experiência governativa, no plano político nacional e internacional; da sua formação superior; do seu empenho e dedicação para com os mais desfavorecidos; tudo isto acabou por ser oprimido pelo simples facto de ser mulher. Foi considerada por muitos meios de comunicação da altura como uma pessoa ingénua. Aliás, Maria de Lourdes Pintassilgo falou desse mesmo assunto numa entrevista, em dezembro de 1979, à RTP.

7,38% NAS PRESIDENCIAIS DE 1986

Em 1980, após a sua curta, porém marcante, passagem por chefe de governo, Lourdes Pintassilgo decidiu apoiar a candidatura do general Ramalho Eanes para um segundo mandato no Palácio de Belém. Confirmada a sua vitória, o reeleito Presidente da República convidou a ex-primeira-ministra para ser sua consultora e gerir o dossier Timor-Leste, função essa que acabou por desempenhar entre 1981 e 1985. Mesmo com a acumulação de várias funções e projetos, Maria de Lourdes Pintassilgo nunca perdeu o seu estilo carismático e inovador, conseguindo sempre dinamizar importantes movimentos sociais e cívicos.

1986, ano de eleições presidenciais em que pela primeira vez, os candidatos eram civis, e não militares como outrora. Depois de ocupar cargos de destaque a nível nacional e internacional, eis que chega o ano em que Maria de Lourdes Pintassilgo volta a fazer história. Desta vez, por ser a primeira mulher a candidatar-se à Presidência da República, à mais alta magistratura da nação. E como se isso não bastasse, Lourdes Pintassilgo candidata-se como independente, não gozando do apoio de qualquer máquina partidária.

A candidata que já tinha sido primeira-ministra, conselheira e apoiante do então Presidente da República, Ramalho Eanes, formalizou a sua candidatura no dia 9 de dezembro de 1985. Num lado do campo de batalha estava uma mulher singular e inovadora, com uma personalidade muito própria. Do outro lado estavam as máquinas partidárias, juntamente com os estereótipos de género. Os resultados eleitorais de 1986 traduziram o triunfo dos aparelhos partidários sobre a candidatura personalizada de Maria de Lourdes Pintassilgo, que obteve apenas 7,38%.

No entanto, esta derrota eleitoral não ditou o fim da sua vida política, já que entre 1987 e 1989 foi deputada no Parlamento Europeu.

A MULHER

Maria de Lourdes Pintassilgo dedicou a sua vida ao serviço público; à defesa dos mais desfavorecidos e dos discriminados pela sociedade. Foi pioneira em diversos campos, desde o científico até ao social e político. A engenheira de formação que chegou a Primeira-Ministra de Portugal. Defendeu o papel e importância de todas as mulheres na sociedade. Lourdes Pintassilgo fez da sua vida um exemplo, um modelo a seguir. Ela fez da sua vida, História.

STRONG FEMALE CHARACTERS ™

Hollywood descobre que as mulheres também dão boas heroínas e o que isto implica para o feminismo.*

por Ana Lúcia Tiago

Nos últimos anos tem sido notório o aumento do número de filmes que têm como figura central uma personagem feminina. Quer seja para alinhar com o politicamente correcto, para fazer a vontade às feministas, por tendências comerciais ou por uma genuína preocupação por contribuir para a igualdade de género e dar às meninas "figuras para elas admirarem", nunca antes se escreveram tantas ditas "personagens femininas fortes". Tudo certo; é um facto que a grande maioria dos nossos franchisings preferidos são protagonizados por figuras masculinas, um herói, e não há nada de errado em querer contrariar essa tendência, para variar, mas penso que é importante reflectir sobre o que é afinal uma personagem feminina forte.

O problema reside no facto de a personagem feminina forte não passar de uma personagem-tipo. A maior parte dos blockbusters a que me refiro apresenta a sua versão da personagem feminina forte como uma heroína que, para além de atraente, é inteligente e destemida; por vezes é boa com armas e/ou tecnologia e não hesita sobre o que fazer a seguir. Por outras palavras, é um ideal inatingível que peca por ser tão plano como as donzelas em apuros que estas personagens se propunham combater.

Um exemplo interessante de como nos é apresentada uma personagem feminina forte em filmes é o da Hermione Granger, e sobre este assunto recomendo o vídeo "Harry Potter and the Destruction of Character" disponível no YouTube. Todos aqueles que leram os sete livros e viram os oito filmes da saga Harry Potter são capazes de apontar alguns pontos em que adaptação cinematográfica não é fiel ao material original, sendo o facto de a Hermione dos filmes ser muito mais bonita do que a Hermione dos livros uma observação comum. Acontece que não é só na aparência física que a Hermione dos filmes se afasta da Hermione dos livros e é isso que a autora pretende demonstrar no vídeo supramencionado.

Em mais do que uma cena vemos que, onde a Hermione dos livros hesita ou duvida de si própria, a Hermione dos filmes tem a resposta na ponta da língua e sabe exactamente o que fazer, sem se deixar dominar pelo medo. Nos livros, vemos na Hermione uma personagem com alguns defeitos, mas, por outro lado, muito mais humana e real. Já que é indiscutível que há uma grande maioria que prefere ver os filmes a ler os livros, poderemos assumir que não era uma personagem assim que as pessoas queriam ver? Será a Hermione dos filmes, com a sua aparente perfeição, uma melhor heroína? Ou será esta uma tentativa de aproximar a Hermione da personagem-tipo da rapariga esperta e terra-a-terra que guia os rapazes e lhes explica aquilo que lhes escapa, muito comum no cinema e na televisão?

"(...) É importante que existam produtos de entretenimento com personagens femininas em posições de relevo, mas mais do que isso é importante escrever boas personagens femininas."

É importante que existam produtos de entretenimento com personagens femininas em posições de relevo, mas mais do que isso é importante escrever boas personagens femininas. Personagens que não sejam apenas uma personagem masculina com roupagens diferentes. Que não se limitem a ser um adereço para fazer avançar o enredo, personagens que tenham dimensões, e que evoluam com a história. Que sejam fortes sim, se tal característica fizer sentido, mas, sobretudo, que não existam apenas para levar um dado público alvo mais vezes ao cinema.

* Este autor não escreve ao abrigo do novo acordo ortográfico

OS HOMENS QUE ESTIMAM AS MULHERES

O sentido do cavalheirismo numa sociedade feminista

por Ana Glória Cruz

À frente de um homem há obrigatoriamente uma mulher, porque o primeiro lhe cedeu passagem. Segurou-lhe até, porventura, a porta. Se a frágil mulher tem frio, é-lhe emprestado o casaco do homem, o qual permanece inabalado pelo clima. O homem, que não sente, puxa a cadeira para a mulher se sentar. O homem forte carrega com as malas maciças da senhora. E porque não sente e é forte, a sua vida é também dispensável. Em algumas situações extremas ao longo da história, salvaram-se primeiro as crianças e logo depois as mulheres, restando os homens para defrontar a única adversidade que não conseguem derrotar: a morte.

Estes gestos de simpatia, de delicadeza e de consideração estão a ser aplicados, nos exemplos anteriores, de uma forma que devia ser tomada por peculiar, mas nunca o é. **Embora aceite socialmente, esta etiqueta eticamente bizarra compromete alguns dos ideais que finge representar**.

Em primeiro lugar, estranho que se assuma a totalidade das mulheres como frágeis e a totalidade dos homens como "invencíveis". Na realidade, creio que se deva autorizar a cada um os seus momentos de fragilidade, porque nenhum mortal é invencível.

É claro que existem diferenças entre homens e mulheres, ou não haveria dois nomes distintos para caracterizar cada grupo. Contudo, as diferenças que existem não estarão relacionadas com invencibilidade ou fragilidade. No fundo, são só diferenças superficiais que não invalidam a condição que partilhamos: a condição humana.

Posto isto, levanta-se a seguinte questão: será que uma dessas diferenças é tão flagrante que justifica a construção de uma faixa de sentido único na cordialidade? Quanto a mim a resposta é obviamente negativa.

Cada indivíduo tem como projeto tornar-se uma melhor pessoa, o que implica tornar-se melhor homem ou melhor mulher. No entanto, o projeto em si, como a utilização da palavra "pessoa" indica, é independente do género. Assim, uma mulher que se depare com outro ser humano diante de uma porta, pode deixá-lo passar à sua frente. Fica-lhe tão bem como fica a um homem deixar passar uma mulher ou outro homem. Afinal, também é independente do género ter pressa de chegar a algum lugar. E também é independente do género ter direito a ser tratado com a devida simpatia.

Eu tenho pressa de chegar a um lugar no tempo em que não se tome por garantido qualquer tipo de vantagem social. Por muito pequena que essa seja, abre portas à disseminação da desigualdade, uma vez que abre também um precedente.

Resta abordar um último aspeto relativo a esta problemática. Em situações extremas, de vida ou morte, há lugar para decisões extremas, mas a probabilidade de sobrevivência de uma pessoa, que pode ter de ser medida, nunca será ditada somente pelo seu género. Toda esta noção distorcida de cavalheirismo pode culminar, no limite, num assunto que nos transcende, nomeadamente, o julgamento da vida humana. Digo que nos transcende porque não nos cabe a nós decidir quem merece viver, devendo apenas respeitar a dádiva que a vida representa. Nenhuma vida é dispensável. Se existir algum fator que valorize uma vida em relação a outra será, na minha opinião, apenas a integridade demonstrada ao longo da mesma e nunca questões acessórias, como o género, a aparência física, o estatuto social, etc.

Concluindo, gostaria de explicar porque acho relevante este assunto. Numa sociedade em que existem exemplos tão graves de desigualdade, esta questão puramente direcional pode parecer de menor dimensão. Contudo, não deixa de ser um importante alvo de reflexão, pois representa uma amostra simples de injustiças que nunca se estranham porque já se entranharam há muito tempo. Nem vale a pena tentar fixar esse ponto cronológico. O que realmente interessa é que nos dediquemos mais profundamente, a partir daqui, a questionar os estatutos sociais que um determinado grupo possui ou, mais importante ainda, nós próprios detemos.

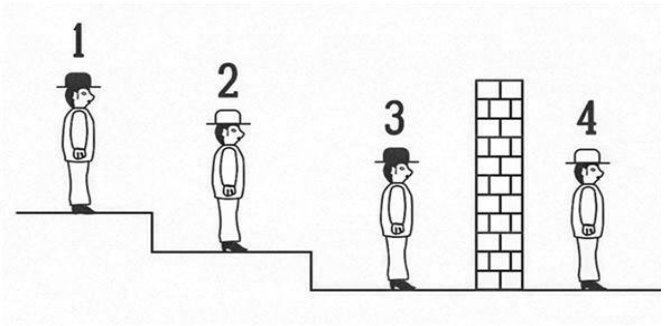
SUDOKU

2		8	1	9		7		
		7			3		2	4
			9	5				
						6	9	
4	7	6	5		9	3	1	8
	1	2						
				7	1			
7	8		6			4		
		4		1	8	9		3

	3	2		9				1
1	9		2	8				
7		6			1		2	
			1		2		8	
2								6
	6		4		3			
	2		5			9		8
				1	8		7	3
3				2		5	6	

ENIGMA

Na figura abaixo encontram-se 4 prisioneiros a caminho do corredor da morte, porém foi-lhes dada uma oportunidade de liberdade caso pelo menos um deles adivinhe a cor do chapéu que está a usar. Tal como se pode observar na figura, o quarto prisioneiro está separado dos outros por uma parede. Sendo assim:
O homem 1 pode ver os homens 2 e 3;
O homem 2 pode ver o 3;
O homem 3 e o 4 não conseguem ver nenhum dos outros.
As únicas coisas que os prisioneiros sabem é que são quatro chapéus e há duas cores diferentes de chapéus (2 brancos e 2 pretos). O objetivo é saber a cor do chapéu que estão a usar, se um errar, todos os prisioneiros são executados, porém se um acertar todos são libertados. Os prisioneiros estão proibidos de se mexer, tirar o chapéu e comunicar entre eles. **Qual dos prisioneiros é que conseguiu descobrir a cor do seu chapéu?**



DESAFIO

Se gostas de escrever, ou tens algo que gostassses de partilhar com os nossos leitores, este é o espaço ideal para isso!

Envia-nos o teu texto, proposta ou sugestão para:

diferencial.ist@gmail.com